

1

UM LOBBY HISTÓRICO

Diz a tradição que por trás da bugrada, em grupos de Entradas em busca de minérios, chegaram por aqui os primeiros filhos de Deus e sem noção de distância, se perderam.

Impossibilitados de voltar aos seus pontos de partida litorâneos, os doidos aventureiros foram avançando cada vez mais à procura da tal Terra Prometida, donde, segundo os linguarudos, o Sol se punha no meio de colinas douradas.

Chegaram até onde as pernas agüentaram e como tudo era devoluto, como dizia Capistrano de Abreu, tomavam posse e estabeleciam divisas, quando muito, cada um a seu bel prazer. Essa psicose do 'é tudo nosso', herança indígena, aqui em Italiápolis ainda persiste após tantas gerações.

Assim, sem nenhuma frescura nasceu o Povoado do Ribeirão dos Porcos que chegou, certa ocasião, a ser trocado "por uma égua mansa", um alto negócio feito pelo

Antonio Caetano da Silva, em 1.841, com um trouxa que acabou sem a água e sem o povoado.

Na verdade o nome correto desse nosso rio deveria ser 'Ribeirão das Antas', tal a quantidade desse mamífero, porém não sendo conhecido dos portugueses, a anta virou porco.

A peste da malária tocou o Antonio Caetano e o seu bando do Mar de Espanha para um lugar ainda mais distante do Rio Tietê, mas de boa aguada, dando início ao Povoado do Espírito Santo.

Foi a mulher do Antonio quem deu o nome ao assentamento, a Sra. Beralda Maria de Jesus, pois segundo ela "só o Espírito Santo agüentava o mosqueiro". Tudo mais, de fato, veio nos rastros desse casal de sesmeiros.

Depois, o Povoado do Espírito Santo foi renomeado para Espírito Santo do Córrego das Pedras e mais tarde passou a se chamar Boa Vista das Pedras ou simplesmente Pedras.

Os nomes ou cognomes nasciam naturalmente conforme as mudanças dos nossos antigos 'Sem Terra'. Pelo que se deduz havia por aqui uma pedreira e tanto, pois a transmissão oral afirma que os seus moradores faziam procissões, orando e carregando pedra como remissão plena dos pecados carnavais.

Os anos foram se passando e lentamente foi crescendo o 'mosqueiro' da Maria de Jesus. Para que possamos nos situar no tempo diríamos que os Estados Unidos da América acertavam os seus dramas internos

com a Guerra de Secessão, enquanto por aqui, como num passe de mágica, os italianos começaram a colonizar a Província de São Paulo.

A terra 'sangue de tatu' da nossa região, de origem vulcânica, ótima para os que gostam de trabalhar, se transformou em ricas lavouras de cereais. Enquanto aguardavam as primeiras safras do café, os italianos não sabiam o que fazer com a superprodução do milho, do arroz, do feijão.

Aonde uma italiana cuspiam, nascia uma horta!

Por volta de 1910, estando o Ferraro no comando e os italianos dirigindo os destinos da Boa Vista das Pedras, resolveu-se mudar o nome da vila.

A nossa pequena cidade passaria se chamar "Italiópolis", um exagero na opinião de alguns. A sugestão nasceu, certamente após duas ou três garrafas de vinho, em algum balcão como o da Venda do Bertocco, a nossa primeira lanchonete e onde os nossos calabreses refestelavam-se com o pão, pimenta e peixe em escabeche.

Uma homenagem justa, mais que merecida na opinião da maioria itálica e o assunto foi batido e rebatido, não sem tapa, pé na bunda e mordidas de orelhas.

Foi um período "do pisar nos desafetos", não só nos 'patrizios' remanescentes do grupo tarallista como na "caboclada chegada a tiroteios". A troca definitiva do nome da cidade do Espírito Santo do Córrego, usado em toda a Região da Mata, caberia a classe dirigente da 'cosa nostra'.

O Salvattore Del Guercio, um ponderado formador de opinião, argumentou que 'Italiápolis' não passaria pela votação da Câmara. Entendia o dono do jornal 'O Progresso' que a coisa "cheirava forte o acinte".

O Prefeito Ferraro, arguto, deu razão ao jornalista. O caso requeria um lobby inteligente com o que os D'Andrea não concordavam; exigiam o nome 'Italiápolis'.

Os vereadores se armaram contra o projeto e encaminhá-lo a Câmara seria um desastre, coisa que o Ferraro não tolerava.

Chamaram o Carlo Del Guercio, um vereador habilidoso, um tipo napolitano e a ele solicitou-se "estudos preliminares da matéria". Daí nasceu o 'lobby histórico'.

A cidade se chamaria Itápolis e os nascidos aqui, por serem oriundos, seriam considerados 'itapolitanos'.

Itápolis é uma palavra pré-formada. O prefixo 'ita', pedra em tupi-guarani harmonizava-se com 'polys', do grego, cidade. Teríamos assim 'cidade das pedras'.

Por outro lado, o 'itá' viria do 'itálico'. Teríamos então, argumentou o vereador Carlo Del Guercio, um "local muito italiano, pois a palavra polys, num bom vernáculo, é um elemento de composição que significa muito".

Prevaleceu a intenção, Itápolis significa 'cosa nostra', local italiano, "cidade dos italianos".

Armado o lobby, o vereador Carlo incluiu no projeto de mudança do nome da vila, a elevação para 8 o número

de vereadores, bem como a promoção da Delegacia de Policia para uma Terceira Classe.

A dupla Ferraro-Civatti, mais uma vez deu um golpe de mestre apresentando o projeto às vésperas do 'Natale' e o espírito da 'Natività' transformou tudo em festa.

'Na Terra em que se troca o nada por uma égua mansa, quem tem ainda que um só olho, é rei.